

Acreditamos, em geral, que somos “vítimas” de nossas sensações. Sensações são as reações espontâneas do corpo aos golpes desferidos pelo mundo exterior, pensamos. Guardam, portanto, o caráter de efeito, ou consequência, ou ainda de defesa. Acreditamos que “sofremos” disso, ou daquilo — de uma visão turva, de uma audição deficiente, etc. Tudo o que resta é tratar, ou atenuar, esse sofrimento, concluímos.

O neurologista inglês Oliver Sacks, de 77 anos, acredita, ao contrário, que somos, na verdade, “autores”, e não “vítimas” de nossas sensações. Ele desenvolve sua tese em “O olhar da mente” (Companhia das Letras, tradução de Laura Teixeira Motta). Não me arriscaria a escrever sobre um ensaio de neurologia, não guardasse a tese de Sacks — ainda que baseada em argumentos e observações estritamente médicos — aspectos fortemente literários. Neles me deterei, deixo logo claro.

Penso que o ensaio de Oliver Sacks confirma certa concepção singular do mundo oferecida pela literatura e que, quase sempre, é contraposta às explicações supostamente mais dignas de crédito da ciência, da filosofia, ou da religião, e por elas desautorizada ou, pelo menos, diminuída. Tento explicar — se é que consegui, de fato, entender o livro que acabo de ler. Estou convencido de que o livro do neurologista inglês interessa muito aos escritores e aos leitores de literatura, em geral tidos como pessoas fantasiosas e arredias aos “fatos da vida”.

Tudo começou no dia em que o neurologista recebeu um exemplar de “Touching the rock”, livro de um certo John Hull, catedrático de ensino religioso na Inglaterra. O autor teve uma catarata aos 13 anos de idade, sofreu ao longo de 35 anos com níveis crescentes de cegueira e finalmente, em 1983, aos 48 anos, ficou totalmente cego. Seu livro é o diário meticuloso de seu sofrimento.

Mas não é só o diário de uma doença: é, ainda, o relato de seu avanço gradual rumo ao que o próprio Hull chama de “cegueira profunda”. Com o agravamento da cegueira, ele perdeu não só imagens e memórias visuais, mas a própria ideia do que é “ver”. Noções banais, como “aqui”, “ali” e “defronte” deixaram de ter, para ele, qualquer significado. Também desapareceu a ideia de que os objetos têm uma aparência, ou características específicas que os distinguem uns dos outros.

Homem de forte fé religiosa, Hull logo emprestou a essa experiência uma

JOSÉ CASTELLO



Cruz



Édipo em Londres

conotação mística. Depois de comparar seu diário à escrita de São João da Cruz, o frade espanhol célebre por sua poesia mística, Oliver Sacks conclui

Esta experiência transforma o cego não em um deficiente, mas, paradoxalmente, em alguém que “vê mais”. Isso significa dizer que ele se torna o

É justamente para enfrentar as partes cegas da existência e transformá-las que os escritores escrevem

inventor de novas formas de visão — inventor singular, já que em cada homem, essa transposição (ou invenção) se manifesta de uma maneira. “A descrição de Hull pareceu-me um exemplo perfeito de como um indivíduo privado de uma forma de percepção pôde redirecionar-se para um novo centro”, diz Sacks. Refere-se à plasticidade do cérebro — mas podia estar pensando na arte.

Alguns anos depois, o neurologista recebeu uma carta do psicólogo australiano Zoltan Torey que, após um acidente de trabalho, se tornou cego aos 21 anos de idade. Ele deixou cair um plugue em um tambor de ácido na fábri-

ca química em que trabalhava. “A última coisa que vi com total clareza foi uma centelha de luz no jorro de ácido que engolfaria meu rosto e mudaria minha vida”, escreve. Em sua carta, Torey relata o desenvolvimento posterior do que chama de um “olhar interior” — uma nova capacidade de trabalhar com imagens mentais —, o que lhe permitia realizar atividades impossíveis para os cegos, como trocar as calhas do telhado sozinho. Mais tarde, escreveu um livro, “Out of darkness”, em que relata sua espantosa experiência.

Sacks narra outros casos semelhantes, entre eles o do filósofo Martin Milligan, que teve os dois olhos removidos aos dois anos de idade por causa de tumores malignos e que, com o tempo, desenvolveu uma técnica pessoal que lhe permite “ouvir” objetos silenciosos, como postes, ou carros estacionados com motor desligado, pois “sendo ocupantes do espaço, eles adensam a atmosfera, quase certamente por causa do modo como absorvem e/ou ecoam os sons de meus passos e outros pequenos sons”.

Ainda surpreso com os casos que relata, Sacks fecha seu livro com uma constatação importante. Escreve: “A linguagem, a mais humana das invenções, pode possibilitar o que, em princípio, não deveria ser possível”. Em outras palavras: ela cria o impossível. A conclusão de Sacks me conduz direto ao coração da literatura, que nos permite “ver” coisas que não existem, ou em ângulos desconhecidos, ou de perspectivas impraticáveis. A isso chamamos, banalmente, de invenção — certos de que falamos do poder arbitrário e das regras fluidas da imaginação. Ocorre que a imaginação não é gratuita, tampouco a invenção — mesmo a mais espantosa delas — é arbitrária. Motivos secretos estão sempre a latejar no interior dos poemas, ou das ficções.

Quando escrevemos um conto, ou versos, agimos como o cego que, porque não pode ver, inventa uma nova maneira de “ver”. Daí que a literatura tem, sempre, um laço secreto com a cegueira: é justamente para enfrentar essas partes cegas da existência e transformá-las que os escritores escrevem. Édipo já sabia disso. Nada há de gratuito em seu trabalho: estão sempre a fabricar substitutos — e, na maior parte vezes, nem sabem nomear o que lhes falta.

Email: josecastello@gmail.com. Leia mais textos do colunista em www.oglobo.com.br/blogs/literatura

LANÇAMENTOS



Antologia pan-americana, org. de Stéphane Chao. Tradução de André Telles, Amabile Keijer, Julián Fuks, Maria Alice Máximo e Maria Alzira Brum. • Editora Record, 378 pgs • R\$ 49,90

• O francês Stéphane Chao, que vive no Rio, selecionou 48 contos de autores contemporâneos de 30 países, embaralhando fronteiras para montar um diálogo com diversas tendências.



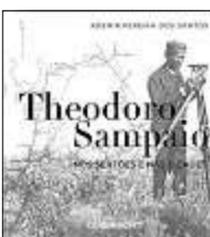
A evolução criadora, de Henri Bergson. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. • Editora Unesp, 408 páginas • R\$ 58

• Principal livro do francês Henri Bergson e uma das obras mais importantes da filosofia no século XX, a obra parte da discussão de fenômenos orgânicos para desenvolver noções como duração e intuição, centrais na crítica do autor ao determinismo.



Pétala de Lamparina, de Ricardo Lima. • Ateliê Editorial, 72 páginas • R\$ 30

• Em seu quinto livro, o poeta Ricardo Lima reúne a produção de quatro anos, dividida em duas seções (“Caro acordar” e “Tarde noite”) assemelhadas no olhar deambulante, que recolhe as imagens do cotidiano para reorganizá-las em poemas de uma dicção contida e associações inesperadas.



Theodoro Sampaio, de Ademir Pereira dos Santos. • Odebrecht e Versal Editores, 392 páginas • R\$ 190

• Biografia ilustrada, em edição luxuosa, do engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937), que percorreu o Brasil durante o Império e a Primeira República fazendo trabalhos de reconhecimento do território e construção de infraestrutura.

[NÃO FICÇÃO][NÃO FICÇÃO][NÃO FICÇÃO]

Pensadores judeus contra o judaísmo

Livro sobre iluminismo judaico deixa de lado consequências catastróficas da razão dogmática

Haskalá — O Iluminismo judaico, de Arnaldo Niskier. Editora Altadena, 191 pgs. R\$ 30

Paulo Blank

Neste “Haskalá — O iluminismo judaico”, Arnaldo Niskier apresenta um rico relato sobre os pensadores judeus europeus que, na falta de uma Bastilha para derrubar, iniciaram no século XVIII um ataque à própria cultura. À adesão entusiasmada pelo tema por parte do autor faltou, no entanto, uma visão crítica da Europa Iluminista que, iniciada num banho de sangue em Paris, terminaria menos de 150 anos depois levando às câmaras de gás os descendentes dos judeus que aderiram entusiasmados à possibilidade de participar ativamente da História.

Ao encerrar o seu livro com uma citação de Sérgio Paulo Rouanet, Niskier aponta para uma das intenções de seu trabalho: “neste momento em que o mundo está ameaçado por todos os desvios da desrazão, em que os esoterismos pululam e em que magos produzem best-sellers, precisamos mais do que nunca da razão, tal qual ela sempre foi cultivada pelo povo judaico: faculdade crítica a serviço de objetivos éticos”. Afirmação que não seria muito bem recebida pelos intelectuais judeus descritos neste livro. Eles viam os antigos mestres do judaísmo mais parecidos com o citado mago, colegado de fardão do acadêmico Niskier, do que com o intelectual autor do estudo. Para aprofundar um debate

sobre o iluminismo judaico, seria fundamental pensar o destino da comunidade alemã descrita no livro através da figura de Moises Mendelssohn (1729-1786). Talvez Franz Rosenzweig, o filósofo judeu alemão autor de “A Estrela da Redenção”, possa nos ajudar. Em 1929, numa homenagem ao seu precursor, ele dizia que “Mendelssohn foi o primeiro judeu alemão num sentido árduo que dá conta das duas palavras com as quais nós, os judeus alemães, entendemos o nosso judaísmo alemão. (no entanto) ele não conseguiu nos transmitir a proteção sob a qual consumou esta nova combinação. Nenhum dos seus herdeiros pertencerem hoje à nossa comunidade é o símbolo da ameaça a qual expôs a nossa descendência e existência espiritual que também era a sua”.

Enquanto em 1929 Rosenzweig falava do desaparecimento espiritual dos judeus alemães como consequência da Haskalá, a pátria germânica gestava um golpe mortal nos seus descendentes. Em 1933, quatro anos depois, o filósofo Emanuel Lévinas denunciava o hitlerismo como filosofia, desfazendo de antemão o mito posterior de que ele seria uma loucura individual. Filosofia que trazia uma visão de homens ligados pelo sangue, tor-

nando-se anterior à razão, excluindo qualquer liberdade de escolha ou conversão. Filosofia paganizada que acabou por enterrar com alegre participação coletiva o sonho europeu iluminista do homem livre e esclarecido.

Elegendo o Talmud como culpado de quase tudo, os autores da Haskalá reduziram a obra fundadora do judaísmo a uma crença popular. E aqui, uma vez mais, o autor não parece preocupado em fazer a análise crítica deste posicionamento. Como tem nos ensinado Lévinas, o judaísmo que conhecemos é a Torah lida pelo Talmud. Fruto do esforço contínuo de desvelar infinitas camadas de sentido na Torah, o Talmud, chamado de Torah Oral, criou uma prática interpretativa que derreteu o lacre da sacralidade limitadora da Bíblia Judaica, transformando-a num texto aberto ao tempo dos homens. Em 1848, assinala Niskier, Abraham Buchner publicava “O Vazio do Talmud”. O título vale pela obra.

Esquecidos do antissemitismo, os judeus atribuíam a si mesmos as causas do seu infortúnio. Sem poder questionar a realidade política, os autores da Haskalá atacavam símbolos no lugar de governos. Fazendo o possível para emancipar-se da própria imagem, pensavam que trocando

de forma seriam aceitos pela sociedade cristã. “Rituais desorganizados”, “corpos pequenos” e “língua decadente”, “gestos exagerados e sem refinamento”, era assim que se descreviam antecipando-se aos manuais nazistas. Niskier nos traz estes relatos sem lembrar que, tal qual inúmeros povos africanos subjugados pelo colonialismo europeu, os judeus também mimetizaram o dominador construindo a sua aparência identitária à imagem da visão do opressor. Fato que também conhecemos aqui no Brasil de todos nós.

O surgimento de uma razão mística?

Nesta Europa conturbada, a segunda metade do século XX veria surgir um novo iluminismo sem pretensões à verdade. Afirmando a diversidade de racionalidades Henri Atlan, expoente do pensamento da complexidade, nos ensina de modo provocativo a possibilidade de uma razão mística. Exemplo de uma razão mística seria o trato talmúdico da passagem das “águas amargas” (Números, 5:5-31.) onde se lê que uma mulher suspeita de adultério deveria ser submetida ao ritual das “águas amargas”. Se fosse culpada o seu ventre incharia e, diante da prova, ela seria condenada ao apedrejamento até a morte.

Diante deste mandato divino da Torah os talmudistas (renegados por Paulo de Tarso) afirmaram que estas decisões “nunca aconteceram e nem acontecerão” porque “na medida em que se multiplicaram os transgressores, as



PAULO BLANK é psicanalista, doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, autor de “Cabala: O mistério dos casais” (Relume Dumará, 2005) e outros estudos em psicanálise, judaísmo e mística judaica